

SIMONET-TENANT. Françoise. *Journal personnel et correspondance (1785-1939) ou les affinités électives*. Paris: Academia-Bruylant, 2009.

## Diários e correspondências: História e Poética

Talles de Paula Silva<sup>1</sup>

Publicado em 2009 pela Academia-Bruylant, o livro *Journal personnel et correspondance (1785-1939) ou les affinités électives*, de Françoise Simonet-Tenant traz uma reflexão teórica a respeito da produção, edição e circulação de diários e cartas na França, desde o final do século XVIII até meados do século XX. Para tanto, a autora trabalha em duas frentes, a saber: levantamento de dados estatísticos, com o objetivo de traçar uma História da publicação dos gêneros em questão; e estudo das características intrínsecas dos mesmos, buscando elucidar suas diferenças e semelhanças.

Logo na introdução, a autora chama a atenção para o debate, erigido entre os críticos, em relação ao conceito de literariedade nos diários e nas cartas. Para alguns, um estudo cuidadoso permite a compreensão de suas especificidades estilísticas, bem como a criação de uma *poética do factual*; para outros, em contrapartida, tais gêneros não podem ser estudados dentro dos domínios da Literatura. Anatole France, por exemplo, considera que só a escrita de si é capaz de escapar aos modelos efêmeros e satisfazer à “necessidade de verdade” cara a todo ser humano. Contrariamente, Ferdinand Brunetière a condena por três razões, a saber: “psicológica (a literatura íntima tem uma característica patológica), estética (ela é insignificante) e moral (ela é falsa)” (SIMONET-TENANT, 2009, p.109, tradução minha).

Quanto à especificidade de seu *corpus* de análise, Simonet-Tenant explica que foi desde o final do século XVIII que o elemento intimista passou a caracterizar os diários e as correspondências, processo que se foi firmando cada vez mais ao longo do século XIX, influenciado pela estética romântica. Nesse sentido, a pesquisadora esclarece que “O intimismo que virá caracterizar tais escritos é uma característica tardia e talvez transitória. O

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora

que caracteriza, antes de qualquer coisa, o diário e a carta, é sua articulação no tempo que se inscreve num texto sob forma datada”. (SIMONET-TENANT, 2009, p.28, tradução minha)

Ela também chama a atenção para o fato de a publicação das obras completas de Voltaire e do diário de André Gide, em 1785, terem constituído um gesto inaugural do interesse pela escrita de si. Interesse este muito relacionado à pesquisa crescente de escritas de memórias e testemunhos sobre a história nacional.

A autora remonta à cultura religiosa os primórdios do discurso confessional: “Testemunha-se a mutação de formas literárias e o sucesso de uma literatura em primeira pessoa, de testemunho e de confissão que se desenvolve a partir da segunda metade do século XVIII” (SIMONET-TENANT, 2009, p.20, tradução minha). Ela destaca também que é neste mesmo período histórico que se desenvolve a cultura do segredo entre os grupos de jovens amigos, filhos da alta burguesia.

Fica claro, pois, que esse elemento intimista, que caracteriza cartas e diários atualmente, passou a integrá-los depois de um lento processo histórico. Antes do advento do Romantismo, a função da correspondência era bem diferente e “a carta à época do Renascimento foi, sobretudo, o vetor de uma sociabilidade erudita e acadêmica” (SIMONET-TENANT, 2009, p.28, tradução minha). Por conseguinte, o leitor foi se habituando, aos poucos, com uma literatura pessoal e passou a se identificar com o narrador que fala de si próprio e de sua própria vida, num subjetivismo que antes só era crível no romance de ficção.

Um pouco mais a frente, a estudiosa nos informa que “a personificação do caderno permite escrever a si mesmo, e tal postura de autodestinação facilita o distanciar-se de si propício à análise e à expressão do conflito íntimo, do qual podemos ver a emergência do indivíduo moderno.” (SIMONET-TENANT, 2009, p.37, tradução minha). Nesse sentido, escrever um diário é assegurar o registro de fatos e emoções que permitirá um exercício autorreflexivo *a posteriori*. Dentro dessa mesma linha de raciocínio, podemos considerar que o destinatário da carta se torna um cúmplice da atividade analítica do remetente, alguém capaz de compreender seus conflitos e de guardar seus segredos.

No desenrolar de seus estudos, a pesquisadora se depara com outra questão interessante: a da femininização de diários e correspondências. Isso pode ser explicado se considerarmos o fato de que as mulheres do século XIX eram estimuladas a lê-los e escrevê-los como um exercício ligado a uma prática pedagógica que proporcionasse o conhecimento do mundo, bem como um *savoir-vivre* próprio do que era esperado delas à época. Tal prática

também funcionava como um instrumento de controle moral que permitia à mãe e à igreja o acesso ao discurso confessional das jovens. Ao retomar a definição de que ambos os gêneros em estudo são textos marcados no tempo do calendário, ela ilustra os diários escritos por mulheres dos oitocentos, em que aparecem seus anseios enquanto esperam pelo marido, pelo casamento e pela maternidade.

Com relação à circulação dos diários, a autora destaca que os editores, no século XIX, costumavam alterar os textos antes de publicá-los, adaptando-os, extraindo deles repetições e indelicadezas, que poderiam se tornar um problema para a leitura. Quanto aos leitores, estes acreditavam que estavam diante de gêneros textuais marcados pela autenticidade e vulnerabilidade de seus escritores. Antes do advento da psicanálise acreditava-se na inocência e na sinceridade absoluta daquele que transforma sua vida em escrita. “Essa profissão de fé na autenticidade da escrita íntima suscita nos comentários críticos os ideais do verdadeiro e da totalidade.” (SIMONET-TENANT, 2009, p.65, tradução minha). Essa ideia foi se diluindo ao longo da História quando passou-se a colocar em xeque a transparência da escrita e a inocência do escritor.

No capítulo quarto da primeira parte, a pesquisadora chama a atenção para a perspectiva da transição do século XIX para o XX em que se manteve o interesse pelos gêneros em discussão. “Memórias, lembranças, narrativas autobiográficas, mas também diários e cartas encarregados de conservar a vibração do instante vivido – e de ler com curiosidade e mesmo paixão os escritos factuais íntimos.” (SIMONET-TENANT, 2009, p.99, tradução minha). Contatou-se também, através da pesquisa empreendida, uma tendência, por parte dos editores, na virada dos séculos referidos, de valer-se de cartas e de diários como fonte para uma reconstrução textual em forma de narrativa autobiográfica. Isso se justificaria devido à dificuldade apresentada pelos leitores de compreender os textos originais em “estado bruto”. A edição e posterior adaptação eliminariam as repetições, os rodeios e as obscuridades, numa escrita mais linear e de mais fácil compreensão. Essa atitude acabou suscitando o uso destes textos como fonte de pesquisa do método Sainte-Beuve, ou seja, da crítica biográfica tradicional que pretende explicar a obra pelo homem.

A estudiosa francesa aponta ainda para o grande interesse despertado pela literatura de testemunho dos períodos de guerra do século XX, situações em que o autor quer transmitir uma experiência, ao mesmo tempo em que busca escapar da morte, ambos através da escrita. Esse fator vem a culminar, inclusive, numa atitude crítica de legitimação de seu interesse

literário. A crença de uma escrita fiel como impressão imediata de alguém que escreve de um primeiro impulso, sem esforço, foi perdendo terreno a partir do momento em que os escritores passaram a ter consciência da publicação de textos que, em princípio, eram escritos dentro da esfera do íntimo. “Pareceria que, progressivamente, diários e cartas não se limitam ao segundo plano, se impondo como textos dotados de valor próprio e um status de obra.” (SIMONET-TENANT, 2009, p.129, tradução minha).

É nesse sentido que, na segunda parte do livro, Simonet-Tenant busca fazer uma análise literária desses gêneros, tratando-os como objetos estéticos. Ela destaca o elemento comum da repetição e da fragmentação, presentes em ambos os textos, característica mesma de um exercício de linguagem baseado na reflexão. Isso leva a uma preocupação, por parte dos próprios escritores, em modificar seus textos, dando-lhes uma versão final mais “legível”, sem, contudo, objetivar equiparar sua linguagem a de um romance, visto que se reconhece e se deseja manter suas características estilísticas próprias. Também nessa segunda parte, a autora apresenta uma série de textos híbridos nascidos do cruzamento entre os dois gêneros em análise, como o diário compartilhado, escrito a duas ou mais mãos; e mesmo o diário endereçado.

No que tange à diferenciação entre os dois discursos, a pesquisadora chama a atenção para dois pontos fundamentais. O primeiro está relacionado à figura do interlocutor. Enquanto na correspondência o autor pode assumir um “eu” diferente para cada destinatário, no diário isso não acontece. O segundo reside no caráter de comunicabilidade social da correspondência, em oposição ao privativo do diário.

A exemplo do pacto autobiográfico postulado por Philippe Lejeune, Simonet-Tenant levanta a possibilidade de existência de um pacto no diário, baseado no espírito de verdade e de confiança inerentes ao próprio gênero; e de um contrato epistolar na correspondência, gerado pelo caráter de comunicabilidade e espera de resposta. Ambos, porém, são perpassados “pela vontade de trazer à tona uma cena intimista e de suscitar um efeito do íntimo” (SIMONET-TENANT, 2009, p.170, tradução minha)

Quanta à natureza metadiscursiva de diários e cartas, a autora destaca que no primeiro caso tal efeito é garantido pela autoleitura e pelo olhar reflexivo, posterior, muitas das vezes; ao passo que, no segundo, tal processo ocorre devido à preocupação do autor em ser bem quisto pelo destinatário.

Pela leitura atenta da pesquisa realizada por Simonet-Tenant, compreendemos que diários e correspondências carregam características próprias, inéditas na literatura, num lugar intermediário da vida refletida, entre o vivido e o “literarizado” É nesse sentido que falamos da expressão *poévie*, palavra-valise que combina *poésie* e *vie*, ou em português, “poevida”, de poesia e vida, buscando justamente retomar o caráter estético de tais gêneros da literatura íntima.

**Referências:**

SIMONET-TENANT. Françoise. *Journal personnel et correspondance (1785-1939) ou les affinités électives*. Paris : Academia-Bruylant, 2009.